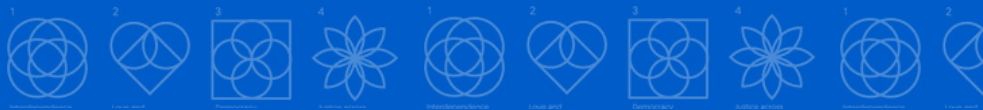




SEMINÁRIO INTERNACIONAL: 25 ANOS DA CARTA DA TERRA, TRANSFORMANDO A CONSCIÊNCIA EM AÇÃO

7-8 de novembro, 2025. Ananindeua, Pará, Brasil





Nos dias 7 e 8 de novembro de 2025 foi realizado o Seminário Internacional: 25 anos da Carta da Terra, um evento pré COP30, que reuniu representantes do governo federal do Brasil, governos locais, da sociedade civil, acadêmicos e jovens de diversos lugares, criando um espaço de diálogo intergeracional e cooperação em torno dos princípios da Carta da Terra. Este encontro especial ocorreu com o objetivo de celebrar os 25 anos da Carta da Terra, marco fundamental na construção de uma ética global pela sustentabilidade, justiça social e paz, assim como de oferecer um espaço de intercâmbio de experiências e diálogos para esclarecer como posicionar a Carta da Terra no contexto da COP30.

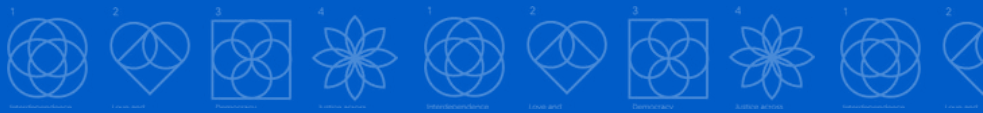


A abertura do evento contou com a participação e fala de:

- Márcia Helena Lopes, Ministra de Estado, Ministério das Mulheres, governo federal Brasil
- Daniel Santos, Prefeito, cidade de Ananindeua
- Alessandra Haber, Deputada Federal, Pará
- Pedro Ivo Batista, Presidente, Associação Alternativa Terrazul
- Nelton Friedrich, Diretor do Departamento de Revitalização de Bacias Hidrográficas do Ministério da Integração
- Lavito Bacarissa, Secretário Executivo da CNOBS da Secretário Geral da Presidência da República
- Artur Moret, Coordenador de Saúde Ambiental da Funasa

Assim como a participação ativa durante todo o evento de:

- Mirian Vilela, Carta da Terra Internacional
- Marcos Sorrentino, Diretor Departamento de Educação Ambiental, Ministério do Meio Ambiente e Clima, Brasil
- Alexandre Diniz, Presidente do Instituto Salvaterra



Em sua fala a Ministra Marcia Helena Lopes enfatizou:

“Se a Carta da Terra nos oferece um caminho, cabe a nós — governos, organizações, movimentos e comunidades — transformarmos esse caminho em ação: ação feminista, democrática, inclusiva e profundamente comprometida com a vida.” Encontre [aqui](#) o discurso da ministra na íntegra.



O prefeito de Ananindeua, Daniel Santos, destacou a transformação pela qual o município vem passando, especialmente no que se refere aos avanços no saneamento básico.

“O município de Ananindeua é hoje um exemplo em saneamento básico. Estamos trabalhando para transformar a cidade, promovendo a regularização fundiária e preservando nossas áreas verdes. A COP está sendo realizada no Pará, e todos os municípios deveriam participar e ter o seu espaço de fala”, afirmou o prefeito.





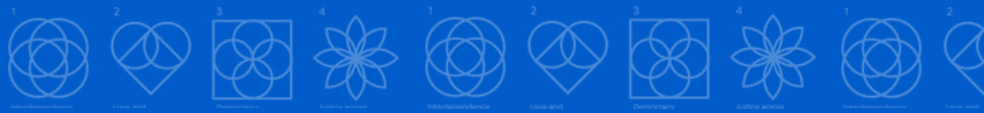
Durante sua fala, Daniel Santos também alertou para o perigo iminente da construção de um aterro sanitário (ou 'lixão') em uma área com importantes nascentes, localizada em uma região próxima ao município chamado Acará. Segundo ele, o local seria destinado a receber resíduos de Belém e de outros municípios da região, o que representa uma séria ameaça ambiental. Em seguida, o prefeito cedeu a palavra a Jéssica Fraga, representante do movimento “Lixão Aqui Não”, que reforçou o alerta sobre os riscos que o projeto de aterro sanitário representa para esse ecossistema vital.

A deputada federal Alessandra Haber reafirmou o compromisso de Ananindeua e do Pará com um desenvolvimento sustentável, que una progresso, responsabilidade e preservação ambiental, destacando ainda a Carta da Terra como um importante instrumento orientador.



Pedro Ivo Batista ressaltou a relevância da Carta da Terra como referencial ético na construção de sociedades mais justas e sustentáveis, especialmente no contexto da COP30, marcado por desafios, dilemas e contradições. Agradeceu também o apoio recebido pelo governo do município de Ananindeua.

“O Balanço Ético Global é um espaço que esta COP abre para promover uma reflexão filosófica sobre a centralidade da vida e sobre por que ainda não conseguimos realizar o que já foi acordado — um exercício para o qual a Carta da Terra serve como bússola ética”, afirmou.



Nelton Friedrich destacou a riqueza da Carta da Terra e a importância de sua visão de mundo centrada na vida, na interdependência, na responsabilidade com as futuras gerações e na ética do cuidado. Ele também lembrou o trabalho desenvolvido quando coordenou o programa Cultivando Água Boa, da Itaipu Binacional, que utilizou a Carta da Terra como referência ética.

Nesta ocasião, o governo municipal de Ananindeua assinou uma Carta-Compromisso, reafirmando seu empenho em trabalhar com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e na implementação dos princípios da Carta da Terra.

O documento formaliza o compromisso do prefeito em considerar os 16 princípios da Carta da Terra na formulação das políticas públicas e no planejamento estratégico municipal.

O ato oficial de abertura foi antecedido por uma apresentação cultural, que contou com um grupo de música e dança local.

Na sequência, foi exibido um vídeo com uma mensagem de Leonardo Boff, no qual o pensador faz uma reflexão inspiradora sobre a importância e a atualidade da Carta da Terra.



A primeira mesa de diálogo do seminário abordou o Pilar I da Carta da Terra: “Respeitar e Cuidar da Comunidade de Vida”, e contou com a participação de:

- Lavito Bacarissa, Secretário Executivo da CNODS da Secretário Geral da Presidência da República
- Marcos Sorrentino, Diretor Departamento de Educação Ambiental, Ministério do Meio Ambiente e Clima, Brasília
- Pablo Solon, Fundação Solon, Bolívia
- Sila Apurinã, Grupo de Trabalho da Amazonia, GTA, Brasil
- Larissa Bombardi, IPSA, Brasil/Bélgica



Esta mesa foi mediada por Ana Laíse, Associação Alternativa Terrazul e Teia Carta da Terra, e Sérnio Vasconcelos, Advogado

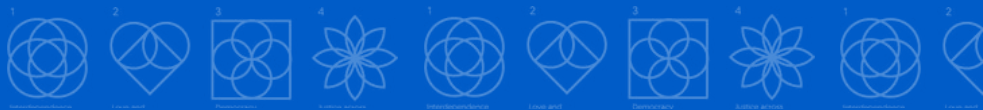
As contribuições contaram com reflexões sobre o significado e desafio de manter o compromisso do Respeito e Cuidado a Comunidade de Vida.

Lavito Bacarissa comentou sobre o valor da Carta da Terra e sua relação complementar com aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável [ODS]. Disse que, no processo de reconstrução do espaço social dentro do governo atual, está sendo restabelecida a Comissão Nacional dos ODS, com o objetivo de fortalecer a participação social.

“Entendemos que precisamos pensar diferente, expandir nossa consciência e retomar a narrativa humanista... Neste processo, vemos o papel complementar entre a Carta da Terra e os ODS.”

Marcos Sorrentino destacou que:

“precisamos colocar o tema do financiamento da educação ambiental na pauta... Não é possível continuarmos a fazer compromissos políticos que visam educadores comprometidos com transformações culturais e de valores, mas com poucos recursos destinados a isso e com poucas definições práticas sobre o tema nas negociações internacionais.”



Pablo Solón refletiu sobre o antropocentrismo e a visão patriarcal da vida como raízes da crise que vivemos. Perguntou:

“Como avançamos em nosso caminho rumo a uma sociedade não antropocêntrica? O que é uma sociedade não antropocêntrica? É uma sociedade que não tem os seres humanos no centro, mas sim a Mãe Terra, a vida, a natureza — da qual somos parte — no centro da sociedade.”



Ele afirmou:

“Estamos vivendo esta crise e o colapso climático atual porque aplicamos uma política antropocêntrica para abordar as problemáticas contemporâneas. A natureza não é um objeto, um meio ambiente, uma coisa ou um recurso natural. A natureza é um ser que tem direitos, é um sujeito... É importante ver a economia como um subsistema da natureza, e não como algo que a governe. A Carta da Terra nos ajuda a sair da visão limitada do antropocentrismo e a entrar em uma dimensão de visão centrada na vida. A garantia não está na letra da lei, mas na luta diária.”

Sila Apurinã afirmou que

“A Carta da Terra nos faz um chamado para unir conhecimento, ética e espiritualidade... Falar de território é defender a realidade das comunidades tradicionais, que também dependem do território, assim como dependem da água e de todos os recursos naturais de que precisamos para viver. Como vamos cuidar da nossa casa comum se cada vez mais vivemos momentos de individualismo? Cuidar da casa comum envolve reconhecer nossa responsabilidade e interdependência.”



Larissa Bombardi compartilhou resultados de seus estudos sobre o uso de agrotóxicos no Brasil. Afirmou que o país registrou, nos últimos anos, um aumento de 160% no uso dessas substâncias na produção agrícola. De acordo com pesquisas, mais de 56 mil pessoas foram intoxicadas por agrotóxicos no último ano. Ela também apresentou dados sobre os 10 ingredientes ativos mais vendidos entre os agrotóxicos químicos no Brasil, produtos fabricados, em sua maioria, por empresas europeias, mas cujo uso é proibido na Europa.

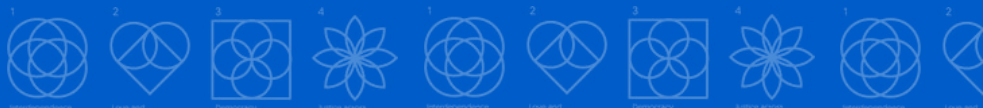
A segunda mesa de diálogo abordou o Pilar II da Carta da Terra – Integridade Ecológica, e contou com a participação de:

- Pedro Arrojo, Relator de Direitos Humanos à Água da ONU, Espanha
- Luiza Maria Vieira, Marisqueira do Movimento Coletivo Guerreira das Águas, Ceará, Brasil
- Rajendra Singh, Presidente da ONG Tarum Bharat Sangh, Índia
- Rosa Helena Neves, Salvaterra
- Mediador: Sérgio Ribeiro, Cirat/Teia Carta da Terra Brasil



Pedro Arrojo Agudo falou sobre o paradoxo da crise global da água no Planeta Água, Planeta Azul, onde não se trata tanto de uma crise de escassez, mas da consequência de uma gestão insustentável dos ecossistemas aquáticos e de uma gestão não equitativa das águas... Disse: “A Carta da Terra choca com a visão de progresso, e prioriza os princípios da sustentabilidade, equidade e governança democrática e paz. Desde sua coerência, a Carta da Terra não ignora a importância das utilidades produtivas da água, mas antes de tudo, prioriza as funções da água como base para a vida... a partir desta coerência precisamos fazer uma reflexão ética, liderada pela filosofia e da ética do cuidado. Uma reflexão ética sobre as múltiplas funções, utilidades e valores que estão em jogo em torno a gestão da água e que nos permita discernir e estabelecer prioridades.”

Luiza Maria Vieira compartilhou sobre o projeto Eco-mulheres na zona costeira do Ceará apoiado pela Alternativa Terrazul e do Ministério das Mulheres que fortalece uma rede de mulheres pescadoras, marisqueiras, agricultoras, mulheres tradicionais que cuidam do meio ambiente e relacionam seu trabalho com a Carta da Terra. Estas mulheres têm sua



sobrevivência baseada no que cultivam dos manguezais, e da riqueza proveniente do ecossistema de onde vivem. Sabem da importância do cuidado e em manter a integridade ecológica dos manguezais para que possam continuar tendo suas subsistências a partir do que colhem e compartilham como suas vidas e tradições estão interconectadas com o seu contexto, território local e ecossistema.

Rajendra Singh explicou como sua organização, Tarun Bharat Sangh, fundada em 1985, tem ajudado a revitalizar rios e garantir a segurança hídrica para comunidades rurais no Rajastão, Índia. Por meio de processos participativos, iniciativas lideradas pela comunidade e métodos tradicionais de conservação da água, várias estruturas como johads (pequenas barragens de terra) e anicuts (barragens de desvio) foram construídas. A iniciativa envolve as comunidades em um objetivo comum: coletar água de chuva e fazer uma gestão sustentável de bacias hidrográficas. Este trabalho tem revitalizado com sucesso vários rios no Rajastão, trazendo vida e água de volta para muitas aldeias que antes eram áridas contribuindo também na produção de alimentos.

Rosa Helena Neves compartilhou sobre um projeto de educação e formação de jovens com Carta da Terra liderado pelo Instituto Salvaterra e o desejo que continuar e ampliar este trabalho.

A terceira mesa de diálogo abordou o Pilar III da Carta da Terra – Justiça Social e Econômica, e contou com a participação de:

- Adilson Vieira, GTA e Teia Carta da Terra Brasil
- Abadia Moreira Dias, Liderança do Quilombo Kalunga, Goiás, Brasil
- Alice Gabino, Amazônia em Pé/Teia Carta da Terra, Brasil
- Mediadores: Joao Cláudio Arroyo, Unama/Teia Carta da Terra Brasil e Renata Natividade, Secretária Municipal de Segurança e Defesa Social de Ananindeua



O dia encerrou com a Pré-estreia da série Manual de Sobrevivência do Século XXI, com o episódio sobre o cerrado brasileiro, contou com a presença do Diretor João Amorim.



O segundo dia do Seminário, começou com uma fantástica apresentação da peça "Gandhi, um líder humano," um monólogo desenvolvido e atuado pelo ator, João Signorelli. Obra que vem atuando há 20 anos. Esta atuação foi uma introdução a Mesa 4 sobre o Pilar IV da Carta da Terra: Democracia, Não Violência e Paz, que contou com a participação de:

- Nobuyuki Asai, Soka Gakkai Internacional, SGI, Japão
- Vanessa Dourado, ATTAC, Argentina
- Lorena Kélvia, Rede Reaver, Brasil
- Paulo Lamac, Porta voz da Rede Sustentabilidade, Brasil
- Mediadoras: Lívia Noronha, Secretária de Direitos Humanos de Ananindeua e Byani Sanches

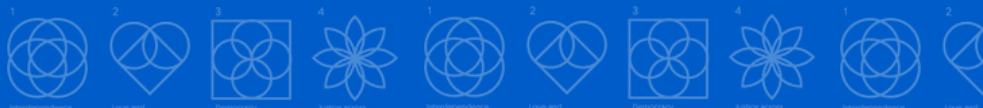


Nobuyuki Asai compartilhou exemplos de iniciativas da SGI em prol da democracia, não violência e paz, como a exposição Sementes de Esperança e Ação, que conecta os ODS e a Carta da Terra com o propósito de sensibilizar e inspirar ações transformadoras. Também mencionou o trabalho desenvolvido pelo Instituto Soka Amazônia nas áreas de educação ambiental e reflorestamento em Manaus.

Vanessa Dourado trouxe uma reflexão sobre a visão de mundo centrada na vida, em contraste com a visão antropocêntrica e patriarcal, destacando as contribuições da Carta da Terra nesse debate.

Lorena Kélvia apresentou o trabalho da Rede Reaver – Rede Ambiental de Valorização de Ecossistemas em Restauração, resultado da união de adolescentes e jovens do Nordeste que buscam fortalecer a luta socioambiental. Contou que a Reaver nasceu com a missão de cativar, conscientizar e articular a juventude sobre a importância dessa luta, visando garantir a saúde ambiental para adolescentes e jovens no Nordeste do Brasil.

Foi exibido um vídeo com uma mensagem de Moema Viezzer.



A mesa 5 foi sobre o Balanço Ético Global e contou com a participação de

- Dulce Pereira, Presidente do IDS, Brasil
- Rubens Born, Coordenador Nacional do FBOMS/Fundação Esquel, Brasil
- Vahíd Vahdat, Comunidade Bahá'í do Brasil
- Mirian Vilela, Diretora Executiva, Carta da Terra Internacional, Costa Rica
- Mediadores: Paulo D. Branco, Instituto Fronteiras do Desenvolvimento e Salete Aquino, URI

Os membros da mesa foram convidados a compartilhar:

“O que significa para cada um, a partir de suas trajetórias e das organizações que representam, esse chamado proposto pelo Balanço Ético Global (BEG)?”

Entre as respostas, destacou-se a ideia de que o BEG representa uma oportunidade para trazer a reflexão, a consciência e o compromisso ético para o centro dos processos decisórios e das ações, e não para as suas margens. Também foi ressaltada a importância de colaborar e dialogar sobre esses temas, posicionando a Carta da Terra como uma bússola ética. Por exemplo no âmbito da transição energética e tecnológica justa.

O chamado do BEG foi compreendido como o início de um despertar para o fato de que enfrentar a crise climática não se resume a questões de financiamento, adaptação, mitigação ou tecnologia, mas envolve, sobretudo, um compromisso ético com o bem comum, baseado em solidariedade e responsabilidade compartilhada e diferenciada.

Em seguida, cada painelistas respondeu a diferentes perguntas propostas pelo BEG. Para encerrar, todos foram convidados a refletir sobre como visualizam as duas iniciativas — o BEG e a Carta da Terra — cooperando na resposta aos desafios do século XXI, em especial diante da emergência climática. Foi ressaltado o desejo de ver a iniciativa do BEG ampliada, ou seja, que o processo seja estendido para outras COPs, e de que a Carta da Terra, tanto como documento, quanto como movimento global e instituição, continue contribuindo ativamente nesse processo. Isto com o propósito de fundamentar a ação climática na ética do cuidado, respeito e responsabilidade comum.





Rubens Born disse que a Carta da Terra é um alicerce e serve como uma base sólida tanto para o BEG como para os temas que são tratados para abordar a crise climática. E que deveríamos procurar ampliar a voz da Carta da Terra nos próximos 10 anos.

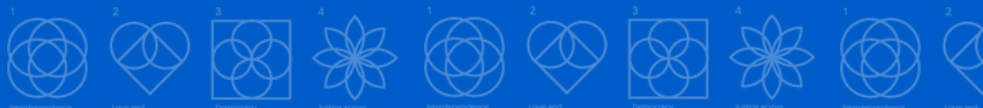
Vahíd Vahdat convidou o público a pensar na ética como uma força de transformação.

Dulce Pereira, ao fazer referência a necessidade de pensar a partir dos territórios e ao desastre de Brumadinho e Mariana, perguntou qual é o custo de agir com falta de ética? Será que a reflexão e decisão ética é justamente o elo perdido?

Mirian Vilela reiterou o desejo de que as reflexões e diálogos sobre ética e sobre o BEG não sejam considerados marginais nas grandes discussões e decisões, mas sim elementos essenciais, capazes de orientar as decisões em todos os pilares da problemática climática: mitigação, adaptação, novas tecnologias, financiamento e governança climática.

Ao finalizar a mesa de diálogo, Mirian Vilela ofereceu, em nome da Carta da Terra Internacional, um reconhecimento a Pedro Ivo Batista, presidente da Alternativa Terrazul, por sua dedicação e trabalho incansável ao longo de mais de 20 anos na promoção da Carta da Terra.





Mesa 6 – Juventudes, Carta da Terra e a Questão Climática

- Vitória Régia, Coordenadora da Juventude Tapeba
- Luisa Zetterström, Grupo Amigo da Associação Alternativa Terrazul
- Helena Marques, Jovens pelo Clima
- Nilton Tatto, Deputado Federal e Presidente da Frente Parlamentar Ambientalista
- Lucélia Santos, Atriz e Ativista Ambiental
- Igor Gomid, Professor Mestre da UFPA
- Mediadores: Lila Shalamar, Associação Alternativa Terrazul e Emanuel Antunes Diretor de Harmonia da Portela

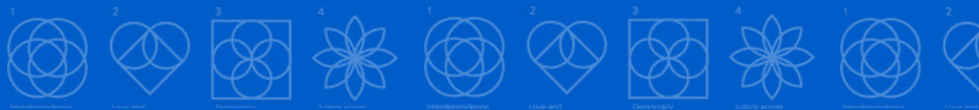
Helena Marques e Luisa Zetterström trouxeram o resultado do Encontro da Carta da Terra da Juventude realizado em setembro, onde fizeram uma releitura da Carta da Terra trazendo as angústias dos jovens de hoje e criando um baralho da Carta da Terra, criado pelos jovens como resultado deste encontro. Acreditam na importância de gerar diversas interpretações e maneiras de expressar a CT. Destacaram a importância do encantamento que a mensagem da Carta da Terra desperta. As cartas do baralho da juventude ainda estão sendo traduzidas para o Inglês e para o espanhol.

Igor Gomid compartilhou alguns dados relacionados a ciência do clima.

Nilton Tatto fez uma reflexão sobre a relação entre as gerações começando com os desafios ainda não resolvidos que a geração mais velha está deixando para a geração jovem e fez uma reflexão sobre os desafios de trabalhar no âmbito institucional do governo.

Lucélia Santos – fez uma observação sobre como tudo o que foi sonhado na visão que traz a Carta da Terra ainda está longe de se cumprir e o quão importante é que as gerações contemporâneas precisam se unir para fazer frente a crise climática. Ainda nos dias seguintes a este evento, e no âmbito da COP30 houve uma celebração dos 25 anos da Carta da Terra na Universidade da Amazonia no dia 13 de novembro e um lançamento pelo Conselho Editorial do Senado Federal da Coleção COP30 com várias publicações incluindo a Carta da Terra e uma cartilha para crianças no dia 15 e 18 de novembro.





O evento foi organizado pela Associação Alternativa Terrazul (afiliada à Carta da Terra Internacional), em parceria com o Instituto Salvaterra, o Centro Internacional de Água e Transdisciplinaridade (CIRAT) e a Teia Carta da Terra Brasil. A iniciativa contou com o apoio do Grupo de Trabalho da Amazônia (GTA), do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (FBOMS), da própria Carta da Terra Internacional e, em especial, da Prefeitura de Ananindeua.

O evento também contou com o apoio e coordenação de Vera Guedes, Secretária Adjunta de Enfrentamento às Mudanças Climáticas de Ananindeua, além da colaboração de diversos servidores do município.

Links: [Noticias Prefeitura de Ananindeua]

<https://www.ananews.com.br/noticia/9216/ananindeua-se-consolida-como-protagonista-no-debate-climatico-durante-evento-paralelo-a-cop-30>

<https://www.ananews.com.br/noticia/9215/forum-internacional-destaca-a-representacao-de-ananindeua-nos-debates-da-agenda-climatica>

